

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegrafico: LANTERNA
Dirigir toda a correspondência ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A LANTERNA
ANTICLERICAL E DE COMBATE

APARECE AOS SÁBADOS
ASSINATURAS:
ANO 10\$000
SEMESTRE 6\$000
PAGAMENTO ADIANTADO
Nas assinaturas para o exterior,
há a diferença do porte do Correio

O "caso Idalina"

Idalina não se encontra em Buenos Aires nem em Vila Real. — O desapontamento dos jornalões — Onde está Idalina?

Ainda uma vez voltamos a ocupar a atenção dos nossos leitores com o, para os padres, malfadado caso Idalina. E não será a ultima, porque não sabemos se e quando o poleremos deixar entregue ao juizo inexoravel da historia dos crimes da casta clerical.

De Buenos Aires já publicamos duas cartas do amigo a quem pedimos que deslindasse o caso da Idalina portenha. Hoje podemos inserir mais uma sua carta com a qual fica definitivamente desfeito o novo boato divulgado pelos padres.

contemporaneamente em Vila Real de Trás-os-Montes e em Buenos Aires...

Os jornais nossos inimigos sistematicos exultaram, grunhindo em letras garrafais que iam ter um fim as manobras interessadas dos inimigos do padre Faustino, entre os quais avultam os anticlericais de S. Paulo, os padres chegaram a fazer alegres excursões pelos mapas geograficos para mostrar aos jornalistas que os foram intervisitar onde se encontrava a Idalina...

Como sempre, nós cá estavamos para lhes desmanchar a festa. Afirmamos então que a noticia do aparecimento da Idalina não passava de um novo canard atirado ao publico pelos padres do Orfanato com o fim de o mistificar.

Dissemos isso e nos comprometemos a provar que Idalina não apparecera nem em Buenos Aires nem em Vila Real.

De Buenos Aires já publicamos duas cartas do amigo a quem pedimos que deslindasse o caso da Idalina portenha. Hoje podemos inserir mais uma sua carta com a qual fica definitivamente desfeito o novo boato divulgado pelos padres.

Eis a carta do nosso prestante amigo:

Caro Edgard: Conforme te informei na minha ultima carta, eu e o companheiro a quem na mesma me referia, procedemos a uma minuciosa investigação no intuito de não deixar nada incompleto para cumprir o melhor possível a missão que me confiaste.

Além de informar-nos com os moradores actuaes do local da "calle" Talcahuano, 218, procuramos os antigos moradores que, segundo nos informaram, eram uns espanhóis que exploravam com os corpos de duas ou tres raparigas. Chegamos a encontra-los, mas nada absolutamente nada pudemos apañhar-lhes a respeito da estadia de Idalina nesta cidade.

Depois, o dito companheiro, que dispunha para isso de bastante tempo, procedeu sozinho a uma busca geral pelas casas onde são exploradas as desgraçadas que caem, e tambem esta tarefa resultou negativa para achar qualquer vestigio da passagem da pobre vítima por esta cidade.

Podes, pois, esta, certo que a tal noticia da existencia em Buenos Aires da Idalina é outra tentativa de salvamento inventada pelos padres.

Assim, pois, creio que posso dar por terminado o que me competia fazer.

Se tiver tempo, hei-de fazer uma noticia para os jornais liberais daqui. Do teu — Luiz.

O Estado do dia 23 do mez passado tambem publicou uma noticia sobre a tal menina de Buenos Aires que os padres tinham escolhido para servir de instrumento na sua nova mistificação.

Essa noticia do grande orgão não fez mais do que confirmar o que já haviamos publicado a respeito, e hoje reforçado na carta acima inserida.

Está, portanto, liquidada a Idalina argentina.

Resta, agora a de Vila Real. No nosso proximo numero diremos algo a respeito.

O Mundo, de Lisboa, já publicou uma longa noticia acompanhada dos retratos de Idalina e da Maria Magdalena, relatando o caso desde o seu inicio.

Do nosso correspondente já recebemos uma carta dizendo-nos que a noticia do aparecimento de Idalina em Vila Real não passa de mais uma grosseira farsa dos padres do Orfanato, que ainda uma vez devem responder!



Embalado pelo povo inconsciente, vive o grande parasita estridado sobre a imbecilidade dos pobres de espirito e alimentando-se da ignorancia dos ingenuos que dão credito ás suas intrujices.

Não mexam com eles!

Ha dias foram espalhados profusamente na velha capital bahiana boletins assinados por D. Majolo de Clagny com o titulo — «Aviso ao povo» — em que o abade de S. Bento, que é ele Majolo, se opõe ao decreto do governador que condena a desapropriação e demolição no prazo de seis mezes, o Mosteiro de S. Bento.

Curto e incizivo, diz a imprensa, o boletim do abade chama á ordem, em tom rispido, não só o secretario, que tendo prometido ir ao convento examina-lo, não compareceu, como o governo que, diz, «parece de tudo alheio ás normas da civilização».

Gostei do Majolo, sim senhores! E engula esta o — Caboclo Velho.

Agora é que vamos ver quem pode mais. A rinha promete...

Cá por mim jogo tudo no Majolo, e nem cinco réis no Bahiano, que é galo cançado e não aguenta mais tempo.

Não, que Majolo não é nenhum Aurelio que se manda pôr na porta da rua a t-que de caixa por nenhum Sotero. Com ele fia-se mais fino.

O padrinho que ele Caboclo rem no Catete — coitado! não é para ser comparado ao grande e poderoso José Sarto.

Se duvidam, é só experimentar.

Porém vamos ao mais importante.

Diz assim um trecho do manifesto:

«E' ao povo bahiano que me dirijo para perguntar se deseja que os monjes de S. Bento fiquem na cidade do Salvador ou que se retirem para terras mais hospitaleiras, onde tanto o governo civil como o ecclesiastico estão ansiosos por nos receber.»

Tendo nascido naquela terra, não posso deixar de responder á pergunta acima e com todo o gosto.

cios que sem contar vós nos prodigais.

A cidade do Salvador é vossa. Nós nos opomos a que, a pretexto de limpa-la e aformozea-la, venham mexer com o convento que é uma gloria da cidade.

Sabemos, além disto, que as cidades modernas tornam-se lugares de perdição, o diabo apodera se dos seus habitantes, os quais deixam logo de frequentar as igrejas e de lá levar o ebulo áqueles que trabalham pela salvação das almas, dando o exemplo da renuncia aos bens deste mundo.

Ouvia dizer que a ordem a que pertenceis é riquissima, foi uma das maiores proprietarias de terras e de escravos da antiga provincia, porém tudo isso deve ser falso.

No dia 30 do passado, pela manhã, appareceram pelas esquinas das ruas boletins reaccionarios contra vós.

O Diario da Bahia, que aliás está ao vosso lado, abriu um plebiscito para saber se os frades estrangeiros devem ou não permanecer na Bahia.

Está claro que devem ficar, sim!

Então querem nivelar os frades com os operarios?!

Era o que faltava!

Isto aqui não é o atrasado Uruguay onde, além do divorcio já em vigor, praticam-se actos abominaveis, como este relato em telegrama ao Correio:

«MONTEVIDEO, 29 (Americana) — Embarcam para a Argentina as religiosas portuguezas e espanholas expulsas pelo governo dos conventos que ocupavam nesta cidade.»

Felizmente nos achamos numa terra bem governada e que foi escolhida pela Virgem para asilo dos que estão sob a sua protecção e guarda.

A proposito: Dizem por aí que o nosso Cardeal está informado que o Papa pretende tambem vir aqui residir, porque as coisas não vão lá muito bem pela Europa, de preferencia a mudar-se para Jerusalém, como a principio pensara.

Quanta sorte! Adrecoal. Rio, 1 — 9 — 912.

CONFEITOS BÍBLICOS

la, pois, Moisés de regresso ao Egipto, quando lhe sai ao caminho, quem? Um salteador de estrada? Não! O proprio Deus em pessoa, com intenção de o matar!

Este extraordinario Deus brigão, que gosta de experimentar as forças fisicas dos seus protegidos, não se sabe porque nem para que, quiz repetir com Moisés o gesto de capoeira pimpão que tivera antes com Jacob-Israel.

Mas a astuciosa Sefora, mulher de Moisés, afugentou a Divindade, pregando-lhe um terrivel susto. Com uma pedra agudissima, correu ao filho e... circumcidou-o! Em seguida, tocou nos pés do marido dizendo-lhe: «Tu e para mim um esposo sanguinario.»

Ouvindo estas ultimas palavras, Deus ficou aterrado. «Sanguinario! Estou frito!» pensou ele. E fugiu como uma lebre, livido de pavor e com o coração aos pinchos.

Esta graciosa historia faz lembrar outra, de Rabelais: o diabo, o lavrador e sua mulher. Enganado em varios contratos com um lavrador, o diabo desafia-o para um duelo á unha. O pobre agricultor aceita, mas julga-se de antemão vencido e morto e confia á mulher o motivo dos seus terrores e cuidados.

— Não te aflijas, homem, diz-lhe ela. Sai de casa, e eu me encarrego de receber o diabo. No dia marcado, chega o diabo e encontra a mulher do seu adversario debruçada em lagrimas.

— Ail sr. diabo! Meu marido, que se prepara para um duelo á unha, queria experimentar as unhas em mim. Fugi-lhe, mas ele então foi-se á nossa vaca, e só com uma unha fez-lhe isto que o sr. está vendo...

E levantava a cauda da vaca... O demónio não quiz ouvir mais e só parou no inferno.

O Confeiteiro.

Um milagre que se desfaz

A voz da sciencia, pelo orgão medico dr. Henrique Roxo, explica o fenomeno — Uma especulação industrial-religiosa.

No sabado passado, um diario matutino atirou aos quatro ventos uma noticia vivamente urdida para espantar os ingenuos e acirrar a atenção ignorante da crendice do populacho. Na gruta de N. S. de Lourdes, no morro do Castelo, dera-se, na imaginação de um noticiario místico, um formaloso milagre: a senhorita Maria Ferreira de Jesus, dita inteiramente cega, recuperara a vista, ao fazer uma oração no citado recanto milagroso da igreja de S. Sebastião.

— A doente Maria Ferreira de Jesus foi por mim examinada duas vezes, em meu consultorio. Verifiquei tratar-se de um caso de histeria, com crises convulsivas, soluços e tosse histerica. Com o estado mental caracteristico eram esses fenomenos usados por auto-sugestão e removíveis pela persuasão. Disso bem me apercebi e, quando lhe prescrevi medicamentos antispasmodicos nada mais fiz que a sugestão armada. Nunca ela se me apresentou cega: é absolutamente falso!

Disso pode dar testemunho um collega, dr. Vieira Moraes, que, no momento em que ella esteve pela segunda vez em meu consultorio, lá se encontrava.

— Mas, é possível que ficasse depois cega, não acha? — Perfeitamente: não seria a primeira vez que se ine apresentasse uma cegueira histerica. Cura-se facilmente pela persuasão e, si se receta um colirio, é simplesmente para armar o efeito no espirito doentio do cliente. E' possível que depois de ter estado no meu escritorio ficasse um dia, de repente, cega. Isto succede frequentemente a uma doente minha na rua Haddock Lobo e eu a curo facilmente por persuasão.

— De maneira que o pretensio milagre foi simplesmente um caso de auto sugestão? — Naturalmente: se a citada senhorita ficou cega, a convicção com que foi á gruta de Lourdes do Castelo, de que se curaria, bastou-lhe para, por em simples fenomeno de auto-sugestão, identico ao tratamento por persuasão de que usamos nós, os clinicos, para livra-la da cegueira simplesmente histerica. As histericas curáveis na lendaria Lourdes europeia, são-não puramente pela sugestão armada. A doente vai convencida de que ficará boa, auto-sugestionada e fica realmente boa.

Satisfeito o nosso representante, agradeceu a fineza com que tratou o dr. Henrique Roxo e, quando se levantava para retirar-se, este notavel clinico disse-lhe, concluindo: — «O que é de lamentar é que uma folha explore um caso destes, ruidando os incautos e buscando depreciar o clinico que estuda.»

E eis aí, como a irreflexão do jornalismo avido de escandalos, inventa milagres onde existe um simples fenomeno, perfeitamente explicavel no limite da sciencia medica actual.

Livrem-se os incautos e ingenuos da exploração que, fatalmente, com tanta presteza diligenciou em inventar, no morro do Castelo, uma gruta milagrosa, para que, amanhã, infelizes almas ingenuas vão através de dificuldades, buscar a fraude religiosa, que se resumirá numa salva ou uma sacola, recebendo esportulas para N. S. de Lourdes ou... o vigário da freguezia, protegido pelo reclamo espalhafatoso e enganador do jornal que deu curso a essas toleimas.

Que dizem a isto os jornalões carroissimos de S. Paulo que reproduziram a tal noticia milagrosa? Calam-se por certo, porque caradurismo para isso não lhes falta.

CAUTÉRIOS

LXXVI

A uma igreja em ruinas

Hoje és um monte informe de calça, A pestilência, a mófo tresandando, Imundo casarão.

O tempo austero emfim fez-te justiça, Teu sombrio arcação condenando, A' decomposição.

Hoje estás triste e só neste abandono, O teu aspecto miseravel suja A pureza do ar.

Não te perturba o longo pesadelo O tempo, o verme atroz que te devassa, Friamente, sem dó.

Galma assistes ao lento desmantelo Desses teu organismo de argamassa, Que se desfaz em pó.

Não te incomoda a eterna letargia A agua das chuvas que em fúidal goteja, Como se fosse pus, Pelas fendas — as chagas que a invernia Abriu em ti, ó secular igreja, Espantallo da luz!

Mais sadia e feliz és no entretanto: Recebes agora a luz do sol bemdito, O ar purificador.

Esantes, muda e fechada em teu recanto, Tinhas um medo estúpido e esquisito Do sol, do ar, do amor.

E' hoje mais feliz, pois já não sentes Os gemidos sombrios, do amarguro, Das mortas parapsia, Que passaram por ti tristes, dolentes, Cheias de fe, rojando-se, á procura De paz, da compaixão...

Luiz da Silva.

SOB O DOMINIO DA DOCAS

Perseguindo os trabalhadores e protegendo a padralhada

Foram violentamente expulsos do Brasil cinco inteligentes e dignos trabalhadores, justamente quando a padralhada vagabunda e criminosa corrida de Portugal está sendo recebida com todas as honrarias pelos jesuitas de casaca que nos dominam.

Que dizer mais sobre o que se está passando de aviltante e de iníquo com o movimento dos trabalhadores da Docas de Santos?

Domina-nos a indignação, a repugnância e a tristeza, impedindo-nos de externar fielmente o que nos vai na alma de combatentes da causa do povo oprimido e explorado.

Indigna-nos a proteção aberta, escandalosa prestada por todas as autoridades do paiz á arrogante empresa em detrimento dos trabalhadores que outra coisa não desejam senão mais uma migalha para o seu sustento; enchemo-nos de repugnância ante a ascorosidade do procedimento da grande imprensa que, para fazer jús á pingue gorgeta da Docas, chafurdou-se no esterquilio das suas ignominias, tentando emporcalhar com as suas escrescencias morais todos aqueles a quem é cara a defesa das liberdades publicas, entristecendo-nos profundamente a indiferença geral com que são recebidos os inqualificaveis atentados cometidos contra todos os mais essenciais direitos do cidadão — sem que a imprensa em peso rompa numa clamorosa campanha reivindicadora, sem que as instituições liberais façam sentir o seu protesto, sem que os homens de carater independente venham corajosamente a publico defender as regalias a custo conquistadas no curso de penosas campanhas passadas.

Ante essa attitude de submissão, a todas as velhacarias, a todas as violencias, como não se ha-de sentir forte essa corja de jesuitas encasacados que domina este malfadado paiz e muito especialmente este Estado de decantados progressos?

Nas mãos têm o chicote com que zurziam os seus escravos antes do 13 de maio, nos cofres publicos encontram-se as mordacças para tapar a boca dos vendidos da imprensa. Estão, portanto, em uma terra conquistada, em uma capitania de nova especie, onde a sua vontade é soberana.

Como isto revolta! Em uma empresa riquissima, senhora de concessões excepcionais que lhe facultam lucros fabulosos, trabalhavam milhares de operarios numa labuta esfalfante, brutal e cheia de perigos mil, ganhando um salario miserrimo numa cidade onde a vida é carissima.

Esses trabalhadores, não podendo mais suportar as privações de dia para dia aumentadas, reclamaram da arquiimperialista empresa um pequeno aumento de paga, já prometido ha quatro anos. Como não foram atendidos, lançaram mãos do unico recurso que lhes restava — declararam-se em greve.

Nunca o fizessem. Contra uma companhia com o poderio da Docas é um atentado de lesa-patria dirigir-se um pedido de tal natureza.

Conscia do seu poderio, certa da força dos seus milhões, a companhia-monstro fez a sua imprensa berrar aos quatro ventos que se tentava subverter a ordem publica, que um perigo iminente ameaçava o Brasil. O efeito foi rapido e radical.

O governo federal fez partir para Santos a todo vapor um vaso de guerra e o governo do Estado para lá mandou uma grande parte da sua policia internacional-francesa e um delegado consagrado nos annals da historia policial com o «caso Calvo».

O Brasil estava em perigo, os estrangeiros pretendiam perturbar o socego da nossa pobre

industria. Era preciso, pois, cortar o mal pela raiz.

Mas a lei? E a Constituição? Que Constituição! que lei! Isso só existe para garantia daqueles que vivem a roubar o erario publico, a negociar com generos deteriorados e falsificados, a roubar o trabalho de mulheres e crianças nos seus ergastulos. Os trabalhadores, os que percebem em geral uma media de 5\$ por trabalhos de 10 a 12 horas por dia contribuindo para o progresso do paiz, para esses não ha legalidade — são uns perturbadores da ordem.

Prende-os, espanca-os e expulsa-os é um dever de alto patriotismo. Foi o que se fez em Santos. Encerraram-se as associações operarias, proibiram-se-lhes as suas reuniões, prenderam-nos, espancaram-nos e expulsaram do paiz os que personificavam o seu odio de giboia perturbada na sua custosa digestão.

Como essa canalha julga os brasileiros uns submissos escravos da sua vontade, uns castrados incapazes de se rebelar á exploração—atribuiu á investigação de estrangeiros perigosos expulsos de outros paizes o movimento dos operarios da Docas.

E para justificar essa afirmativa, ofensiva aos brios dos brasileiros, assim considerados como uns Maria-vai-com-as-outras, trataram de prender, de processar e de embarcar para o estrangeiro alguns trabalhadores em destaque entre os seus companheiros pela sua intelligencia, pelo seu preparo e pela sua dedicacão á causa dos escravos do trabalho.

Os escolhidos foram os operarios Primitivo Raimundo Soares, Antonio Figueiras Vieytes, Manuel Gonçalves e Albino Caires, todos conhecidos em Santos como homens de reputação inatacavel, trabalhadores e dedicados chefes de familias brasileiras.

No nosso numero passado já nos ocupamos desses companheiros, dizendo quem eles são.

Primitivo Soares é brasileiro, Antonio Vieytes reside no Brasil ha muitos anos, sendo os seus filhos nascidos em Ribeirão Preto e Santos, Manuel Gonçalves mora no Brasil ha mais da doze anos, tendo tres filhos nascidos em Santos e Albino Caires veio para o Brasil em criança.

Para se vingarem desses cinco trabalhadores da propaganda que eles faziam no meio operario, foram pisadas todas as leis.

A sua prisão foi feita quando eles saíram da redacção da «Noticia», onde tinham ido desmentir uma noticia falsa dada por aquele papel vendido á Docas. O seu director, presando a sua reputação de jornalista honesto, chamou a policia pelo telefone e fe-los prender.

Foi depois contra eles forjado um inquerito como autores de danos causados nos armazens da Docas e de violencias cometidas contra os crumiros!

Esse inquerito foi feito numa noite pelo tal Nobrega do «caso Calvo», que pediu ao promotor e ao juiz a denuncia e a prisão preventiva do meamos, pressurosamente concedidas.

E apesar de todas as diligencias feitas, só se veiu a saber dos cinco trabalhadores quando eles deram noticias de si de bordo do «Orla», onde iam em caminho da Europa.

Verifica-se agora a farsa vergonhosamente suja que se re-presentou.

Depois de denunciados como incurso nas penas de um crime inafiançavel e decretada pelo juiz a sua prisão preventiva, a policia suspendeu a execução do mandado e forjou um processo de expulsão, immediatamente executado!

Esse processo, segundo informações que tivemos, é a maior vergonha destes tempos. A policia fez diversas testemunhas declararem que todos os cinco operarios expulsos vivem aqui apenas ha ano e meio!

E foi assim que fizeram a expulsão de um brasileiro e quatro outros operarios aqui residentes ha muitos anos e cujas familias são brasileiras!

Fala-se ainda em outras expulsões de trabalhadores em iguais condições, entre os quais citam os jornais o operario pintor Zeferino Oliva que aqui vive ha diversos anos!

Persegue tambem a policia diversas outras pessoas, umas que nunca militararam no meio trabalhador e outras que nem mais são operarios!

E ai têm quantas iniquidades, quantas vilanias estão sendo cometidas para obrigarem os operarios a voltar ao jugo de uma empresa enriquecida infamemente á custa de exploração do trabalho alheio e da vida de milhares de homens.

Outra coisa não se pode esperar desse conluio de conselheiros escravocratas, ainda tresandando á censala, dessa jesuitada sebenta que p'raí vive encarapitada na administração publica, enriquecendo-se escandalosamente com o dinheiro do povo e com as proprinas das empresas estrangeiras.

Fiquem os trabalhadores de toda a parte sabendo o que isto é. Aqui só se quer trabalhadores sem ideias e submissos.

Neste paiz só têm entrada os grandes exploradores que aqui vêm aumentar os seus capitais á custa do aviltamento geral e a fradalhada suja corrida pelos seus crimes de outros paizes.

Emquanto, exactamente neste momento, o paiz está sendo invadido por uma horda devastadora de padres e freiras, vagabundos e parasitas que para aqui não trazem senão os seus vicios, os seus crimes, a sua corrupção; enquanto a padraria expulsa de Portugal, onde promovia revoluções para lá tentar reimplantar o seu dominio nefasto, é recebida com honrarias de toda a especie, são expulsos do paiz cinco homens honestos, dignos e trabalhadores, que aqui viviam a labutar pelo elevamento moral do operariado!

Pobre Brasil!

No seio do operariado fermenta-se uma grande indignação contra essa violencia.

O Comité Geral dos Sindicatos Operarios de S. Paulo distribuiu por todo o Brasil um extenso manifesto relatando as brutalidades cometidas contra os trabalhadores e lançando contra elas o seu veemente protesto.

A Federação Operaria, do Rio, convocou um comicio com o mesmo fim para o largo de S. Francisco, mas não o pode realizar porque o palhacesco e rançoso jesuita São Belizario encheu o referido largo de forças e foi á sua séde apreender os boletins de convocação.

O Comité de Propaganda Socialista do Rio tambem lançou o seu protesto contra as brutalidades da policia paulista.

A Sociedade de Resistencia dos Trabalhadores em Trapiches e Café, em uma numerosa reunião em que estavam presentes representantes de muitas outras sociedades, protestou energicamente contra as iniquidades praticadas com os trabalhadores de Santos.

TRADUÇÕES PESSOA HABILITADA COM UM CURSO SUPERIOR E COM UMA LONGA PRÁTICA DE TRADUCTOR INCUMBE-SE, POR PREÇOS RAZOAIS, DE TRADUÇÕES PORTUGUEZAS DO INGLÊS, FRANCÊS, ITALIANO E ESPANHOL, DE CARACTER TECNICO, SCIENTIFICO OU LITTERARIO, SEM COMO PARA CÁTALOGOS, VERSÕES EMERERADAS E REGISTRAÇÃO. TRATA-SE NESTA REDACÇÃO.



A febre militarista e patrioteira — «Heróis do mar, nobre povo... pé! pé! fóra o talassa! — A «Portuguesa» com acompanhamento de murros e bengaladas — O que eles dizem e fazem e o que eles fazem e dizem agora — O direito da força e os direitos da razão — Bater é mais fácil do que demonstrar — Os frutos naturais de todas as imposições violentas — Querem os republicanos ser considerados como inconscientes, dignos de piedade e de cuidados... médicos? — Pela violencia não se destrinçam os amigos dos inimigos.

LISBOA, 18 DE AGOSTO

As esferas officias e politicas estão tomadas de febre militarista e patrioteira e sonham com um brilhante poderio terrestre e naval e com o respeito e consideração de poderosos aliados, fantasiando ameaças e perigos graves para a independência da nação e para a integridade das colónias.

A este estado de espirito do alto corresponde em baixo, em certos elementos populares, imbuídos de fanatismo politico irreflectido, a formação dum culto externo patriótico, intolerante e agressivo, explorado por alguns jornais inconscientes da sua decantada missão educativa. Assim procura instituir-se o culto obrigatório da bandeira e hinos nacionais — e a pretensão já tem dado em resultado alguns conflitos sérios, entrando num deles o revolver.

No tempo da monarchia, numerosos republicanos faziam gala de enterrar ainda mais na cabeça o seu chapéu ao som do desconsiderado «hino da Carta» — e o irreverente gesto não lhes era relevado, ao menos nos centros populosos, por debilidade de convicções ou impotência dos adversários.

Houve mesmo uma occasião em que foi ditirâmicamente cantado o «chapéu do sr. Afonso Costa», a propósito dum sarau de S. Carlos, durante o qual, em presença das majestades, os acordos officias do Estado monárquico não tiveram o condão orfeico de fazer esquecer do assento e do couro cabeludo o traseiro irreverente e o irreverente penante do popular caudilho democrático.

A respeito das procissões e das passeatas publicas do «santissimo sacramento», a attitude da maioria dos republicanos era identica; e não cessava o protesto, pelo facto e pela palavra, contra a humilhante e insofrível imposição dum respeito não sentido. Está na memoria de todos o acto do dr. Alexandre Braga, que se conservou coberto á pssaagem de um qualquer símbolo religioso e sofreu por isso dissabores.

Pois bem: os republicanos defendem agora a mesma intolerância, com os mesmos sofismas e ainda maior numero de sopapos.

Aos monarchistas dizem eles que os símbolos da República triunfante o são igualmente da «Pátria», e ao menos como tais devem ser respeitados por todos os patriotas. Mas esquecem-se de que símbolos officias da «Pátria» (isto é, do Estado) eram também os da monarchia, como recentemente foi reconhecido pelos próprios republicanos, acolhendo o republicano espanhol D. Rodrigo Soriano com a «Marcha Real de Espanha» e saudando respeitosamente a música rialista como hino duma nação; e no entantanto esses mesmos republicanos, sob a rialeza, até em solenidades internacionais se conservavam cobertos e sentados, quando ao som do «hino da Carta» se ergulam monarchistas e estrangeiros.

Aos internacionalistas e a todos dizem eles que o irreverente pelo hino e pela bandeira é uma provocação e una ofensa ás ideias e á liberdade alheias, e que deve retirar-se quem não quer prestar o culto exigido pelos outros. Mas esquecem-se

de que eram esses precisamente os miseros argumentos dos catholicos e monarchistas. Esquecem-se do que então triunfantemente responderam: que a «rua é lugar publico, que em tal caso as procissões, eram igualmente uma provocação aos sentimentos liberais e que os republicanos e livres pensadores teriam, por aquele raciocinio, o direito de exigir que todos pusessem o chapéu e ninguem manifestasse um irritante respeito por idolos grutescos e símbolos detestados.

Mas embora os republicanos tenham teóricamente razão, o seu direito (não a sua força) limita-se a demonstrar essa razão, não a impô-la pela violencia, como todos os fanaticos e intolerantes.

Aos monarchistas tem de demonstrar por actos e palavras, com a ajuda eficaz do tempo, que a república é superior á monarchia e está para sempre identificada com a «pátria».

Aos revolucionarios sociais, homens não do passado, mas do futuro, tem de demonstrar — tarefa em verdade bem mais difficil — que o Estado equivale á patria e que esta pertence a todos, a todos dá iguais direitos e vantagens e de todos merece iguais direitos e sacrificios. Depois disto, ainda lhes restaria provar a necessidade de símbolos patrióticos e dum culto externo em honra dos mesmos símbolos.

Esse fireito lhes cabe, aos republicanos, como lhes cabe o de defesa pelas armas, quando pelas armas são atacados; mas nunca, em caso algum, lhes pertence o da imposição violenta de ideias, de sentimentos ou de gestos.

E, além de tudo, qual é o resultado de tal imposição?

Desse modo, os republicanos apenas fomentarão nos rebeldes a revolta e a irritação, e nos indiferentes, nos fracos e nos submissos a hipocrisia, a dissimulação e a cobardia de espirito; para si ganharão sómente o descrédito que recaí sobre todas espécies de intolerantes e violentos. Há livres-pensadores que, prezando sobre tudo o apostolado das suas ideias, desejando-as largamente difundidas pelas massas e não querendo irritar os sentimentos primitivos e obscuros dos crentes nem inutilizar de ante-mão á sua própria obra de propaganda, se sujeitam em certos casos a algumas manifestações exteriores de respeito por um culto. Mas quererão os republicanos, que se intitulam liberais, merecer essa mesma piedade de médico pelos retardatarios?...

Com a violencia e a imposição do seu culto, nem sequer ficarão a conhecer os seus verdadeiros e mais perigosos inimigos: obedecer-lhe-ão os debéis de espirito, os indiferentes, os hipocritas e os dissimulados, os que temem que esconder e disfarçar; não lhes obedecerão as almas rebeldes e altivas, os sinceros e corajosos, os que nada precisam encobrir. Esperaremos muito tempo o regresso do bom senso e a queda da febre militarista e patrioteira?...

Neno Vasco

BEBEDEIRA E VISÕES

O jornal clerical *Le Pèlerin*, n. de 23 de junho, narra esta historietta: «O padre Dominique não carecia de espirito e sabia distinguir os verdadeiros cristãos dos que só tem a aparência da virtude. Um dia uma senhora, que imaginava ter visões celestes, veiu ter com ele no convento de Londres. Logo que ella viu o padre, exclamou: — Oh! padre! sou uma grande peçadora! — Como a senhora, ha muitos. — Mas salvar-me-ei! — Nosso Senhor morreu por todos os peçadores, e portanto tambem pela senhora.

A dama confessou-lhe então que tambem assim o esperava, pois já neste mundo o Senhor se mostrava a ela. O padre cruzou as mãos no peito.

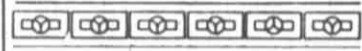
— Tem visões? E que viu? — O Padre Eterno e depois o Filho. — E' um grande privilegio, minha filha; Moisés não viu tanto. E quando foi isso? — Hontem á noite, cerca das 6. — Faz então a meditação? — Precisamente. — E a que horas janta? — A dama ficou santamente indignada e replicou bastante vivamente: — Cêrca das 5 horas. — E que toma? — Que me quer este grosseiro? pensou a dama. Mas compenendo que naquilo estavam empenhadas as suas visões, enumerou, não sem alguma complacencia, a sua farta lista de pratos. Depois concluiu: — Depois da refeição, bebo cerveja, mas no fim tomo dois copos de vinho.

— Minha filha, redarguiu sentenciosamente o padre, tome amanhã trez e aposto que verá tambem o Espirito Santo. — Vê-se que este jesuita sabe o que valem as visões e as aparições, que aparecem aos ebrios, aos alucinados, ás histericas...

E o lugar e o tempo não eram proprios para explorar perante as multidoes crentes as visões da dama, que talvez não fosse muito firme nem servisse para joguete docil e de facil manejo... Ainda se fosse no recanto duma montanha e com uma pastorinha ingenua e suggestionavel, facil de sequestrar depois num convento...

Mas naquelas condições, a attitude do jesuita Dominique (pois é padre da Companhia) foi a mais habil, parecendo dizer: «Vejam todos como nós somos justos e imparciais, e sabemos repelir os falsos milagres e as falsas visões. Quando os apresentamos como verdadeiros, é porque realmente o são!»

Coitadinhos! Metamos-lhes o dedo na boca, a ver se o mordem...



Bíblia vermelha

A devoção é um sinal de degenerescencia; não a observamos senão entre os entovios, os hiper-suggestionavies, incapazes de observar, de comparar de raciocinar e de pensar por si.

Dr. Binet-Saanglé.



A igreja catolica romana ha-de cair, do alto do seu deslumbramento, como um mundo que se abate sobre as massas ignorantes que a rodeiam e formam sem alicerces.

Generoso Borges.



SERMÕES AO AR LIVRE



Recentemente, uma revista alemã, ocupando-se do limite maximo de calor que pode ser suportado pelo corpo humano, citava varios casos de temperatura muito elevada em certas regiões do globo e outros de resistencia dos operarios de algumas profissões, como os maquinistas e fogueiros navais.

Leopoldo falava de experimentos scientificos para solução do problema, sendo notaveis os dos sabios ingleses Blagden e Chantray que, para calcular o limite termico maximo que o homem pode sofrer, se meteram num forno, cujo ambiente se foi progressivamente elevando. Assim, chegaram a concluir que o ser humano normal é capaz de suportar uma temperatura superior ao grau de ebulição da agua.

Ora isto é, nem mais nem menos, a solene reabilitação da Igreja e da Inquisição. A Igreja ufana-se a cada passo das suas celebridades na arte, na litteratura e na sciencia — nas sciencias como as matematicas, a astronomia, a fisica, a quimica, etc.

Pois bem: a Inquisição não foi uma instituição de repressão e de intolerancia, — foi uma sociedade scientifica de investigação, onde o metodo experimental, ainda antes de Bacon, era honrado e praticado.

Ela queria, entre outras coisas, resolver o problema, recentemente retomado pelos dois sabios britannicos atrás indicados. Ilustre e veneravel precursor, o Torquemada! Houve victimas? Sem duvida! Mas o progresso está cheio de cadaveres. Não morrem todos os dias avia-dores?

Para honra da Igreja, mais uma miseravel calunia desfeita!

Neno Vasco



ERRICO MALATESTA

Errico Malatesta, de cuja iniqua e inacreditavel condenação já nos ocupámos, foi posto em liberdade quinze dias antes do prazo fixado pela sentença, e até dezasseis dias, pois que, anunciada essa redução de pena, anteciparam-lhe ainda a saída, para evitar a manifestação que os amigos do estimadissimo militante lhe preparavam. Em todo caso, numerosos amigos reuniram-se em casa dele, saudando-o e protestando assim mais uma vez contra a clamorosa injustiça que feriu uma das mais altas figuras morais e intellectuais do socialismo libertário. Restas acrescentar que contra Malatesta, graças aos protestos da opinião independente, não foi decretada a expulsão, como pedira o tribunal, sob a inspiração da ignobil policia politica internacional.

O VINHO DO TRAPEIRO

Quando se viu na pequena praça plantada de tilias, Reboullot girou, virou-se, quasi sem avançar nem recuar. Já nem sabia que fazer da sua liberdade, ou antes, como de uma espada enferrujada, parecia não poder já servir-se dela. E o carcereiro olhava para ele, rindo-se. Ha muito que se conheciam, pois Reboullot vinha todas as manhãs á porta da cadeia procurar no caixão do lixo as materias que lhe eram preciosas. Emquanto estivera preso, outro o substituiria; no dia seguinte de manhã, recompararia ele.

— Palavra de honra, agora já não tenho vontade de me ir embora. Posso voltar para dentro? Mas o regulamento é o regulamento. — Põe-te ao fresco, e depressa! disse-lhe o carcereiro, que esteve a ponto de acrescentar, por velho habito militar: — Senão, mando-te prender já.

Mas reteve-se: seria então fazer a vontade de Reboullot. E Reboullot suspirou. Era um bom sujeito, de uns cincoenta anos. Morava no extremo de um suburbio, numa casita — um vasto compartimento unico — que podia perfectamente não passar de um pardieiro. Contentava-se com o que achava, de manhã, nos caixotes depositos ao longo dos estreitos passeios e abstinha-se cuidadosamente de injuriar os moradores que, de proposito, não deitavam neles, para o favorecer, moedas de ouro e maços de notas. Por causa dele, não haviam de ficar na miseria. Todos precisavam de viver e Reboullot não se queixava do seu modo de vida: fatigava-se muito menos que os camponeses das vizinhanças e que os operarios da cidade. Só no inverno é que o officio era mais duro. Também, que ideia solta! justamente numa manhã de inverno!

Suspiro de novo, contemplou as paredes da prisão e decidiu-se a voltar ás costas. Estar na cadeia não é nada desagradavel: lá dentro, como em qualquer outra parte, faz a gente o que quer, nos limites do regulamento. Se houvesse licença, poderia a gente ir dar o seu passeiozinho diario pela cidade, por exemplo á tarde, das duas ás cinco; mas, como se sabe que é prohibido, depressa se acostuma a gente a não pensar nisso. Ganham-se relações, lá dentro; vêem-se sujeitos vindos dos quatro cantos do departamento, que contam: — Eu estava em tal lugar... Succedeu-me isto... Aconteceu-me aquilo... E isso sempre distrai e instrue. Grandes criminosos, não são. Uns deitaram a mão, para seu uso, a objectos que não lhes pertenciam; mas quem nos diz a nós que não tinham intenção de os restituir? Outros bateram, com certa força, em suas mulheres, mas elas não morreram. Este insultou os representantes da força publica, mas a força publica tem com que se defender. E estes eram justamente Reboullot. Gostava do vinho, porque não o bebia todos os dias e por isso, quando podia, desforrava-se: os taberneiros é que não se queixavam disso. E hoje havia um pouco mais de dois meses que fôra bater, de cabeça, contra um policia, que estacionava, melancolico, sob um candieiro, a uma esquina. O guarda, imaginando que se tratasse de um assalto, reagira, agarrando-o. — Oh! ganhojava Reboullot, já meio desmbragado, não o fiz por querer. Mas já que assim pensas, espera! Já tentara bater tambem, como homem livre. Bebera demais, porém; a força pública venceu a força privada. E fôra condemnado a dois meses de cadeia.

Já que estava fôra contra a sua vontade, tinha pressa de ir para casa. Mas era muito longa, o outro ex-

tremo da cidade. E depois ninguém o esperava. E depois, tentação suprema, sentia no bolso dezasseis francos, frutos das economias que pudera fazer na cadeia e resto do que não pudera acabar de gastar no dia do accidente. Entrou numa taberna. O que custa é só o primeiro copo; depois dá a gente o seu dinheiro sem contar. No ardor do entusiasmo, sente-se vontade de dar até cinco francos por um litro de vinho tinto que valerá pouco mais de cinco minutos em que a embriaguez a tal ponto nos engrandece, tal importancia nos dá que nos julgamos donos de tudo e que queremos tornar felizes todos os que de nós se abeiram, por nós vistos como que através de um nevoeiro, de uma nuvem, a nuvem que nos serve de trono, como a um deus. Nesse dia conheceu de novo esse minuto de transfiguração. E depois, embora homem de bem, não lhe desagradava todavia poder gritar que saia da cadeia: isso colocava-o acima da multidão, acima dos que nunca se assinalaram por qualquer acto extraordinario. Nesse dia fazia o friozinho picante, mas levemente humido, de fevereiro; havia fogo nas tabernas, e Reboullot passou muitas vezes do frio ao quente. Por fim, já nem o notava: tinha as faces escarlates. Al pelo meio-dia, sentiu vontade de mastigar um bocadinho. Bebeu um café, depois um copo de aguardente, e foi isto o que o acabou. Já não tinha uma ideia na cabeça, e não pensava na prisão, nem em sua casa, nem no seu officio de trapeiro, que tinha de retomar na manhã seguinte. Durante a tarde inteira, viveu uma vida magnifica, com a liberdade, o poder de beber mais, sempre. Não digo que bebeu sem parar: passou quartos de hora com os cotovelos sobre mesas diversas, os olhos vagos, a sonhar como pôde sonhar um homem que não é mau e que está bebado. Se, chegado o crepusculo, os candieiros se acenderam, não reparou: desde manhã que as horas se seguiam e eram para ele todas iguais. Era completamente feliz. Isto é, se-lo-ia, se não lhe restasse mais dinheiro no bolso; tinha ainda uma moeda de cinco francos que lhe queimava os dedos. E foi cerca das nove da noite que quiz entrar em casa de Bourdillat, cuja taberna se achava no caminho para casa. Bourdillat tambem o conhecia de velha data; mas nessa noite viu-o em tal estado, que não quiz deixalo entrar na sala.

— Vai-te deitar, meu velho! disse-lhe ele. E' melhor para ti. A estas horas, já não deves ter sede. Reboullot nada ouviu, sentindo apenas que Bourdillat o empurrava. Continuou o seu caminho. Depois, como já havia nos passeios caixões de lixo, com um largo gesto magnifico e desinteressado atirou para um deles a sua moeda de cinco francos. Agora, já nada o impedia de recolher a casa; mas, como não ia muito direito, precisou de tempo.

De madrugada acordou: era um velho costume. Dois-lhe um pouco a cabeça. Bebeu uma caneca de agua fria, agarrou no cesto e no gancho e partiu, para esgaravatar nos caixões. De subito, num deles, pareceu-lhe ouvir tilintar dinheiro. Procurou e achou uma moeda de cinco francos: era a primeira vez que isto lhe sucedia, nessa cidade onde ninguém atravava, pelas janelas, o seu dinheiro para os caixões de lixo. Reboullot não voltava a si de assombro. A quem pertenceria ela? Acabado o seu giro, indagou. Ninguém se lembrava de ter lançado fôra cinco francos. Era gente honesta. Então Reboullot, honesto tambem, foi levar o seu achado ao commissario de policia.

Henrique Bachelin.

Santa terra

Um conspirador monarchista grande de Portugal escreveu a outro, que é padre, uma carta, publicada depois pelos jornais. Dela destacamos o seguinte trecho:

Creio que o meu amigo desconhece as condições de vida no Brasil: A melhor recomendação que o meu amigo para lá pode levar é precisamente a sua qualidade de padre. E' mais facil um padre encontrar lá o local de que um secular. Eu vou ver se posso obter-lhe uma recomendação pessoal para lá, mas o caso não corre pressa.

Santa terra, o Brasil!...

O mesmo conspirador diz na carta que a "maldita aventura couceirista" fortificou a republica portuguesa.

Mas valeu á nossa uma boa remessa de padres e de carolas. Que presente!

Pela linha Paulista

O nosso companheiro José Romero continua a percorrer a linha Paulista e suas ramificações em propaganda da Lanterna e procedendo á cobrança das assinaturas.

Por estes dias serão visitadas as seguintes localidades da Araraquaraense: S. José do Rio Preto, Ignacio Uchôa, Catanduva, S. João de Ariranha, Cândido Rodrigues, Jurema, Taquaritinga, Dobrada e Matão.

Esperamos que todos os nossos amigos e assinantes se esforçarem para que o nosso amigo possa concluir no mais breve tempo possível a sua tarefa, poupando-nos isso grandes gastos e bastante trabalho.

A "Lanterna" em Santa Catarina

Abutres negros e pardos!

Onde pousa ou invade o territorio, a praga maldita dos filhos de Loyola, a devastação, a peste, a guerra, a fome, a deshonra no lar doméstico, as inundações não se fazem esperar. Desde que o jesuita alemão Tipp Topp começou a mandar vir seus patricios para parouquir nossas frequezias e mandou buscar na Alemanha o Santo Burro, para o altar-mór da hoje catedral, começou tambem a invasão dos gafanhotos em nosso torrão natal, acompanhando assim a praga fradesca.

Assim como os gafanhotos em sua devastação não respeitaram uma só lavoura das frequezias do interior, e até mesmo os pomares de nossas chacaras e quintais na capital, assim tambem os abutres negros e pardos de cabeça raspada começaram na faina da imoralidade na cidade de S. José, esturpando uma menina de 11 a 12 anos!

Veiu a expulsão dos frades de Portugal, e a abundancia ou nuvem aterradoradora de abutres invade o nosso torrão natal, por não acharem nos paizes adiantados quem os aturasse. Com o maior prazer e alegria são eles aqui recebidos pelos Tipp Topp e Janjão Becker, seus patricios.

Foram logo nomeados vigarios e coadjutores de todas as igrejas e capellas do Estado e perseguidos e corridos os padres seculares aqui existentes, na maioria nossos coestadanos!

Após essa invasão calamitosa de frades e freiras, desenvolve-se no municipio da capital e em todos os municipios do Estado a epizootia nos animas vacum e cavalari, aterrorizando os lavradores pela grande mortalidade de seus animas, e por tal forma que ficou a lavoura privada de animas para o seu serviço.

Não ficou somente nessas duas pragas, — gafanhotos e epizootia, o seu arsenal de destruição. Vinha ainda em suas bagagens a inundação das cidades de Itajahy e Blumenau.

E como consequencia desses desastres, a fome, a miseria e a carestia dos generos alimenticios!

Eis o resultado do pouso desses abutres negros e pardos de cabeça raspada em nosso Estado!

Qual dos mais antigos anciãos de nosso torrão natal dará noticia de ter sido visitada pelos gafanhotos e pela epizootia da peste a nossa lavoura?

Só depois da invasão desses abutres negros e pardos, expulsos de todas as nações civilizadas, que vieram aqui pousar, é que se deu a calamidade com a qual estamos lutando!

A repartição veterinaria neste Estado tem feito estudos para descobrir a origem dessa peste, que atribue aos urubus, aos cachorros, aos ratos e aos morcegos, deixando de examinar os abutres negros e pardos de cabeça encarnada, unicos contaminadores dessa contagiosa epidemia de tão aterrador influencia para a lavoura!

Experimente essa repartição pedir ao governo, ou exigir, a expulsão desses abutres que conduzem tal epidemia e verá como, por encanto, desaparecerá a peste...

Um catarinense. Santa Catarina, 18 - 4 - 1912.

EM SOROCABA

Um crime policial

Um delegado de policia manda assassinar um operario espanhol e lança a responsabilidade sobre o soldado — As barbaridades da São Paulo Electric Company.

Sexta-feira, 29 do p. p. mez, a população desta cidade foi abalada por uma noticia sensacional que, infelizmente, logo foi confirmada.

Para o lugar dos trabalhos da represa que o polvo norte-americano está construindo, com o sacrificio de centenares de operarios, no fim da linha de Votorantim, distante uns 18 quilomentros desta cidade, foi recentemente nomeado delegado de policia um engenheiro conhecido pelo nome de Berimback de Lima, engenheiro este que está ao serviço da soberana empresa desde o inicio daquele trabalho.

No dia supra indicado, um operario de nacionalidade espanhola dirigiu certa proposta a uma preta casada, queixando-se esta ao marido, que por sua vez levou a queixa ao conhecimento do famigerado engenheiro delegado. Este ordenou aos soldados que o prendessem. Tendo, porém, o operario tentado fugir, pondo-se a correr, a criminoso autoridade mandou que fizessem fogo sobre ele; os soldados, obedecendo, prostraram ao solo o infeliz operario, mortalmente ferido.

Esse aciderado, percebendo a indignação que se alastrava entre todos os operarios e para

evitar de ser lynchado pelo povo revoltado, espalhou o boato que tinha mandado fazer fogo para o ar. E, para se furtar á grave responsabilidade, lançou toda culpa sobre o soldado, que no dia seguinte foi preso como responsável do assassinato.

Sirva este facto de lição a todos os soldados que obedecem as ordens barbaras desses superiores sanguinarios, que exorbitam do cargo que occupam, atirando depois a responsabilidade sobre os desgraçados e submissos inferiores.

Hontem, 26, os operarios que trabalham na tal represa da infame companhia mostravam-se dispostos a fazer justiça pelas proprias mãos, já que as autoridades do Estado não tomaram nenhuma medida para punir o verdadeiro responsável, antes pelo contrario forneceram-lhe mais força para assegurar a sua impunidade. Ontem mesmo seguiram mais 12 soldados do destacamento daqui, armados e municionados, para garantir o pergaminhado bandido, ameaçado pela justiça popular.

As explorações, os roubos, os massacres a que diariamente estão sujeitos os operarios que trabalham na São Paulo Electric Company devem pôr de sobreaviso a todos os trabalhadores do paiz para procurarem serviço nesse infame quão lugubre abismo da morte, onde as proprias autoridades são empregados da Companhia.

Em outro numero daremos melhores informações dos acontecimentos de que é teatro o tal feudo.

Ida Moreno.

Pró-Ettor e Giovannitti

Protestando contra uma violencia

EM SOROCABA

Como previamos, tambem na Sorocaba laboriosa os homens emancipados que aspiram a um estado de civilização mais em harmonia com as necessidades humanas não deixaram de atender ao apelo de solidariedade vindo da terra dos reis dos «dollars».

O comicio que lá deveria ser realizado no dia 18, contemporaneamente com os de S. Paulo, Santos e Rio, só pôde ter lugar, por diversos motivos, no dia 25 do mez p. findo.

Um grupo de livres-pensadores espalhou anteriormente pela cidade um bem lançado boletim relatando o grande crime de que estão sendo victimas Ettor e Giovannitti, os dois dedicados propagandistas da causa operaria, encerrados ha muitos mezes na prisão de Massachusetts para gaudio dos senhores dos grandes trusts norte-americanos.

O comicio teve lugar, com regular concorrência, no vasto salão da União Operaria. Falaram a companhia Tereza Peres, José Reviere e Galileu Lara, que, com o aplauso dos assistentes, lançaram o protesto do proletariado sorocabano contra a iniquidade exercida contra os companheiros Ettor e Giovannitti, aos quais testemunharam a sua inteira solidariedade.

A reunião encerrou-se com a leitura da moção de protesto que foi enviada ao embaixador norte-americano.

Idade propria

De um diario:

Uma dama americana, a senhora Green, era quaker. A' ultima hora fez-se catolica, e resolveu batizar-se aos 78 anos de idade. Não sabemos se foi baptizada de mergulho ou de cochua, mas atendendo á fragilidade dos anos, agravada pela fragilidade do sexo, é de presumir que a velhota mergulhasse na pia.

A velhota repousada que vai ter a velhota, com o sacramento do batismo... in extremis!

Mas aqui está uma solução! Os catolicos querem o batismo na infancia; os livres pensadores dizem que isso é um abuso e uma violencia, pois a criança inconsciente não dá o seu consentimento.

Pois bem; reserve-se o batismo para a velhice, que é uma segunda infancia!...

Secção amena

Os espiritos, como sabem, estão de novo em voga.

Um sujeito conta a um amigo as suas impressões de uma sessão espirita:

— Interessantissima!... Evocámos o espirito do pobre Antonio, lembreste-te? que morreu o ano passado... — Aquele rapaz que não tinha um real de seu e viveu sempre como um principe...

— Exactamente. — E como soubeste que era ele? — Ora! pediu-me logo duas libras emprestadas.

— Você acredita na metempsichose?

— Eu não, e você?

— Eu, cegamente.

— Então, que imagina você que já foi?

— Um burro.

— Quando?

— Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

A "Lanterna" em Arassuahy

(Norte de Minas)

Missões — Os fieis arassuahyenses vestiram-se ha dias mui bisarramente para receber quatro missionarios, cuja vinda tão suspirada encheu de alegria os catholicos corações.

No dia 11 do corrente, pelas 4 horas da tarde, lá foram á beira do rio, levando um enorme foguetorio, e até maquinas fotograficas, afim de dar as boas vindas aos quatro exploradores e masmorras de batina.

Semelhante espetaculo causa indignação. Ver-se, assim, um miçero povo, pobre, quasi indigente, ir ás portas de sua terra, alegre, esperar com fogos, não quatro homens, seus amigos e benfeitores, mas quatro algozes tonsurados, quatro abutres de batina indignos de qualquer manifestação!...

O povo vive tão cego que não compreende nada disto. Para ele é uma honra, um motivo de vaidade ser visitado por padres, mormente se esses padres trazem o titulo de pregadores.

Simplorio! Torna-se vaidoso de abusarem da sua boa-fé! Honra-se de o roubarém!

A sua carolice e ineptia é tanta que o leva ao ponto de quasi adorar os missionarios que lhe exploram as crenças e metem-lhe as mão na bolsa!

Durante a permanencia dos quatro urubus coroados foi uma barafunda nesta terra. Os pobres fanaticos nem tempo tinham de comer e dormir descansados: andaram numa doudadoura!

Tiveram sorte os salarandanos do estroinas de batina.

Foram os velhos, as velhas beatas e as moças que acudiram ao chamamento dos padres.

Os missionarios com esta visita tiveram um lucro espantoso.

Os quatro padrecos, logo que chegaram aqui, tomaram conta da igreja e transformaram-na em mercado (como é) — os vendilhões!

Batizaram, casaram, confessaram até vereadores da Camara Municipal e professores do Grupo Escolar.

Fizeram predicas, dizendo, como é natural, toda a sorte de tolices, chegando a ponto de excomungarem os anti-clericais desta terra.

Os vaidosos, então, não se limitaram a agir somente dentro da igreja. Não. Quizeram ver, á luz do dia, o seu exercito a marchar pelas ruas. E deram duas passeatas.

..

Já se foram os missionarios. Com toda a certeza foram contentes. Passearam, comeram e beberam fartamente, como bons padres que são; levaram o seu cobrinho, não muito a credito mais bem ganhado e angariado pelas gentis senhoritas e devotas de S. Geraldo (o que está na moda) com a ajuda de Deus e dos toles e pobres de espirito, e sobre tudo preparando o terreno para outra colheita.

Ah! quanto a novas colheitas podem descançar!

Logo que as suas reverendissimas estiverem miquidadas — o que é coisa feita para um padre que se pressa — não se incomodem. Reservem simplesmente o dinheiro necessario para a viagem e façam o sacrificio de vir a Arassuahy, dar um saquezinho nos bolsos catholicos.

Hesitam?... Ora, vamos, reverendos... não façam cerimonia...

Escrupulos não os ha, com certeza...

E depois o senhor bispo tambem tem essas manhas...

Venham, venham, que as ovelhas ainda lhes agradecerão a toquinha!

Vai chegando o calor e a lá nesse tempo é incomoda, pois não é?

O beneficio é reciproco: os pastores precisam de lá e as ovelhas da toquinha.

A's mil maravilhas!... Depois hão-de cantar: "Bemdito sejais vós, ovelhas de Maria, e mais a vossa lá e mais quem a toquinha!..."

Arassuahy, 20 — 8 — 1912. Zé bedeu.

Pequenos ecos

Em Conquista — O nosso velho companheiro de ideias Salvador Napoli, ha muito residente em Conquista, participa-nos que acaba de montar naquela cidade da Mogyana um hotel-restaurante, que oferece todas as comodidades necessarias.

A todas as pessoas que tenham de ir á Conquista recomendamos o restaurante do nosso amigo S. Ernesto Napoli, onde por certo terão um excelente acolhimento.

Oferta — Recebemos dos srs. Vasconcelos, Saraiva & Comp. diversos pacotes de seus excelentes preparados — Dentifricio e Pó Indigena.

O Dentifricio Indigena não só é um magnifico preparado para se limpar os dentes, como tambem serve para bolir as unhas.

O Pó Indigena é um bom polidor de metais, joias, como limpa tambem admiravelmente o cristal.

Tanto o Pó como o Dentifricio são extraídos da grande jazida do Tinguá, no Estado do Rio.

Aos srs. Vasconcelos, Saraiva & Comp. agradecemos a oferta dos referidos pacotes.

Convite — O Centro Recreativo Alegres da Luz distinguio-nos com um convite para a soirée que realizou no dia 24 do mez findo no Salão do Conservatorio Dramatico Musical.

Essa festa constou da representação da comedia de Arthur Azevedo — O Dote e de um animado baile. Agradecemos pelo convite.

S. U. dos Trabalhadores de Prancha — Esta sociedade da Cidade do Rio Grande, R. G. do Sul, participa-nos que em sessão realizada em 28 de julho passado, foram eleitas e empossadas as comissões que deverão estar á sua testa durante o ano corrente.

Gratos pela comunicação.

FESTA GRAFICA

A União Grafica realizará hoje á noite, no Salão Alhambra, uma festa para comemorar á sua instalação definitiva.

A essa velada comparecerão representantes da Federação Grafica do Rio e do elemento grafico de Santos e Campinas.

Será representada a peça social em dois actos do saudoso propagandista Pedro Gori — Senza Patria e a comedia em um acto Pinto Leitão & Comp.

O dr. Justo Seabra realizará uma conferencia, terminando a festa com um baile familiar.

Agradecemos o convite que nos ofereceu.

VIDA OPERARIA

EM S. PAULO

Liga dos Trabalhadores em Madeira — Esta liga reuniu-se em assembleia geral na terça-feira passada, discutindo e aprovando os seus estatutos, ficando tambem eleitas as suas comissões administrativas.

EM JUIZ DE FORA

No nosso proximo numero voltaremos a occupar-nos do grande movimento do operariado realizado em Juiz de Fora para a conquista da jornada de 8 horas, e contra o qual foi feita uma vandallica perseguição por parte da policia sanguinaria, que atacou a tiros o povo inerme, matando e ferindo muitos operarios.

A "Lanterna" em Bagé

E' representante da Lanterna em Bagé, R. G. do Sul, o nosso companheiro Amantino O. Santos, que está autorizado a proceder á cobrança das assinaturas.

TIPOGRAFIA

COMPRA-SE uma typografia completa, ou somente o prelo, que esteja em bom estado e que dê para um jornal do formato da Lanterna ou pouco menor.

As informações, que deverão ser minuciosas, podem ser dirigidas a este redactor.

VENDE-SE

Vende-se diversos lotes de terrenos sito á rua Major Octaviano (Bras), distante do bond Bresser 2 minutos. Preço de coasão.

Vende-se tambem um outro em Santos, medindo 14 metros de frente por 50 de fundo, sito a rua Dr. Manuel Carvalho, de esquina para Avenida Canal, (antiga rua 5). Trata-se nova redacção com Eugenio Leuzerth.

NUCLEOS DA VANGUARDA

Table with financial data for 'NUCLEOS DA VANGUARDA' including 'EM S. PAULO' and 'EM MINAS' sections with various items and amounts.

Foi uma agradável noitada de propaganda, que se deve repetir com mais frequencia. Grupo Anticlerical - Comunica-nos o companheiro João Louzada que um nucleo de decididos anticlericais residentes na Ponta do Cajú acaba de fundar naquele arrabalde um grupo anticlerical, cujo fim será dar batalha por todos os meios contra o clericalismo nefasto.

EM PELotas CONTRA O DOMINIO DO CLERO

PROTESTO

Usando de um direito constitucional, a população vive desta terra, diante da proteção dispensada abertamente ao clero, elemento pernicioso de todos os tempos, protesta veementemente contra esse estado lamentavel de coisas que ameaça perturbar a moralidade do nosso povo pela aceitação submissa de bolorentos principios erroneos da ignorancia que o clero espalha em profusão no intuito criminoso de se apoderar das consciencias e converter-las, passivas e timoratas, as suas ideias, subjugando-a ao seu poderio negregado.

Esta parte da população de Pelotas, acompanhando o progresso do seculo livre de preconceitos retrogrados, cumpre um dever e pratica um bem salvaguardando a honra dos seus lares, cultivando a verdade contra as investidas do elemento clerical que todos os pais procuram eliminar em energica medida de moralização de costumes.

Pompilio Andrade Jaime, Armando Andrade Jaime, Francisco de Paula Borges, José Gomes Silva, José Marques de Sá, Frederico Schreiber, João Elpidio dos Anjos, Domingos Gonçalves Pereira, João Antonio de Assis, João Medina, Gaspar Alves de Pinho, Salvador Lopes, João Corrêa da Silva, Francisco M. de Aridreia, Pedro Rasciso, Paulo H. Goeden, Delfim Carvalho, Joaquim de Souza, Gaspar Granada, Hildebrando Salengue, Mario Hugo Lagos, Joaquim Nogueira, Arthur Corrêa dos Santos, Francisco Vieira Dias, Zeferino Emilio Taddei, João Cunha e Silva, Martiniano Lopes de Moraes, Valdemar Borba, José Maria Ventura, José N. da Guerra, Alberto dos Santos, Manuel Maximiano da Silva, Francelino Alves, Antonio Andrade Araujo, Francisco Adicham, José B. da S. Seiga, João Luiz Maisonave, J. L. Barrons, Cesar Calveira Brisolará, Francisco Gomes de Pinho, João S. Lima, Frederico Moroto, Julio Conceição Babrera, Lourival Lima da Silva, Lindolfo Soares, Antolino Ledesma Pinho, Oscar J. Neves, Valdemar Nether, José Fernandes, Tomaz Pinto Moreira, Joaquim Antonio da Silva, Manuel Dias Ferreira, Luiz Cunha, Carlos Jaime e Parejo, Martinez Andrade Jaime, Pedro Kugland, Delfim Brito, Cassio Antunes do Conte, Joaquim José Custodio, João de Souza Leite,

Manuel Ferreira Vaz, Antonio M. Saraiva, Antonio Borges Barreto, Daniel Rodrigues, João Camilo, Bernardino da Costa, Americo J. Olios, Menileu Vieira Braga, Tomaz Sassoni, Arnaldo Etchbest, Renato A. Pinto, Silvio Pellico Belchior Sobrinho, Eduardo Marques Saraiva, Hugo Marini, Manuel da Silva Calixto, Ataliba Martins Freitas, José A. Teixeira, Francisco Ferrer, José Pedro Franz, Ramão Ferrer, Martiniano Ortel da Fonseca, Adriano Muniz Fagundes, Manuel F. Basber, Francisco Vitor, Eugenio Aquino, Carlos Amorim, José Carlos da Silveira, José Bento Junior, José Luiz do Rosario, Fausto L. abourdettis, Luiz de Souza e Silva, Maurilio M. Vilar, Pedro Felix Xavier, Dario Humberto Lagos, Simeão Borges, Lelio Falcão, Catalinio Olinio Caldas, José Antonio de Barros, Simplicio Pires, Zulmíro Quirineo Soares, Alberto Roberto Neto, Francisco Bassols Oliver, João Francisco da Silva, Joaquim Mello, Carlos Casanova Nogueira, Alfredo Casanova Nogueira, Mario Primazewski, João Ialmezni, João Monteiro Filho, Alfredo Ferreira da Silva, Ovidio Ribeiro, Anselmo Edmundo Pinho.

Bilhetes e recados

Rio - M. Macedo: Da Confissão não ha mais nenhum exemplar. A Greve de ventres irá com o João. O outro pedido deve fazer directamente, pois não temos a possibilidade de encontrar o E. Saude! Pirajú - G. Polenghi: Seguirem os ns. pedidos. Salute! Morro Velho - A. L. R.: Modificamos o endereço para evitar que os tais da boa gente roubem o jornal. Saúde! Curitiba - B. L. G.: Recebemos os 10\$ de sua assinatura, que começo com o primeiro n. expedido directamente para o seu endereço. Agradecemos pela solicitude com que nos distinguíu. Mandaremos o recibo. Saudações. S. João d'El-Rei - Dr. C. B. de C.: Recebemos a importancia de sua assinatura, registando o seu endereço no livro de assinantes da Lanterna. Saudações. Passo Fundo - M. G. da L.: Fizemos a transferencia do endereço. Seguiu um pacote para a propaganda ai. Saudações. Pelotas - A. L. M.: Foi satisfeito o seu pedido. Ainda não chegou a segunda remessa do livro de White. Saudações. Rio - M. V. de C.: E' um trabalho de grande alcance para a propaganda que o amigo está fazendo. Remetemos mais dois pacotes para o mesmo fim. Também nos conservamos e empregamos todas as folhas de propaganda. Saudações. Capital - B. R. P.: Recebemos o raspaço. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandará logo que poss. Seguiu o romance. Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importancia do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Salute! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas... Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Essa desgraçada persiste na sua heresia, disse ele com lentidão. Tornarei para a ver... A freira permaneceu muda e impassivel. Entretanto, ajuntou o padre, é preciso domar ao mesmo tempo o corpo e a alma dessa rebelde... Bem me entendeis, irmã, digo o corpo e a alma. Compreendi, disse a monja: o corpo com privações; a alma com visões... Isso mesmo, irmã. Levai a rebelde... Requiiescat in pace! A freira inclinou a cabeça. Depois deu um grito que repercutiu pelo corredor, abrindo-se logo duas portas e aparecendo duas religiosas, ás quaes Gerlaut fez um sinal. As duas monjas levantaram Flor de Maio, que continuava desfalecida, e começaram a descer as escadas com o fardo. Requiiescat in pace! repetiu o arcepreste. Depois, voltando-se para a religiosa que com elle ficava inclinouse com humildade estudada: Até á vista, senhora abadesa. A freira sofreu um abalo, cobrindo-lhe por um instante as brancas faces uma leve tinta rosada. Que dizeis! murmurou ella. Sou apenas superiora. Digo que é necessario recomendar os brilhantes serviços que prestais á nossa santa Igreja e que vou pedir a Monsenhor de la Motte que se faça de modo que vos seja conferido o titulo de abadesa com todas as preeminencias que lhe são annexas. Tenho, pois, razão em dizer: Até á vista, senhora abadesa, e que vos tenha Deus em sua santa guarda! E Gerlaut desceu por sua vez, deixando a superiora, que se encostara á parede e fazia incriveis esforços para occultar a imensa alegria de que se sentia invalida.

S. Jeronimo - A. D.: Corrigimos o engano e remetemos-lhe todos os ns. atrasados. Desculpa a involuntaria falta. Saudações. Conquista - S. E. N.: O anuncio sairá no proximo numero. Salute! Sorocaba - União Operaria: Já entregamos á respectiva commissão a lista de subscrição e o vale em favor do operario F. P. Rio - R. S. Munhoz: Recebemos o jornal e o boletim. Agradecemos. Cidade de Arassuahy - Ze bedeu: Continue. Será satisfeito o seu pedido. Saudações. Rio - Barbosa: Já tinha recebido outra noticia do M. As notas irão com o João. Oxalá ella se torna um facto. Abraços.

A LANTERNA NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos: CAFE CRITERIUM largo do Rocio, 32. Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate. Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate. Rua do Ouvidor, 181, agencia do sr. Braz Lauria. Rua do Senado, 63, com o sr. Manuel Quesada. Avenida Passos, 122, engraxate. Rua do Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsi. Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Curuso. Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro. Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno. Rua 1.ª de Março, agencia do sr. Mandarin. Rua Uruguyana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate. Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, engraxate. Avrnada Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Carlos Compas. Rua Souza Franco, 64, Villa Isabel, com o sr. Pedro B. Matera. Largo dos Leões, com o sr. Natan Carelli.

A Sementeira

Publicação mensal ilustrada de critica e sociologia de Lisboa. Inserer retratos e biographias de es critores e artistas revolucionarios e livros (ensaios) como (entre os ultimos publicados) Wagner, Emá Goldman, Teberrichensky, Rapisardi, Guyau. Assinatura anual: 1\$200 (moeda brasileira). Assina-se nesta redacção.

GREVE DE VENTRES

Diversos meios praticos para evitar a procriação. Um folheto, 900 rs. Mapa de 50 para revender, 3\$500. Pedidos á Livraria Lealdade, rua S. Bento, 51, ou a esta redacção.

NO RIO

E' representante da Lanterna no Rio e nosso amigo Cecilio Villar, que poderá ser encontrado á rua do Senado, 198. Da cobrança das assignaturas está encarregado o companheiro Santos Barbosa.

BIBLIOTECA DA LANTERNA

Table listing books in Portuguese and Spanish, including titles like 'Pela Educação e pelo Trabalho', 'Programa socialista anarquista-revolucionario', 'Electra', 'La Libertad e Independencia', etc.

EM ESPANHOL

Table listing Spanish books: 'Las Guerras y la Densidad de la Poblacion', 'Dignidad, Libertad e Independencia', 'Educación y Autocracia', etc.

EM ITALIANO

Table listing Italian books: 'Romanzo di una Donna', 'L'Esprit de Révolte', 'La Femme Esclave', etc.

EM FRANCÉS

Table listing French books: 'Les Prisons', 'L'Esprit de Révolte', 'La Femme Esclave', 'L'Évolution et la Révolution', etc.

Biblioteca del Apostolado de La Verda

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correo: Primeira série, já publicada: La Lujuria del Clero, segun los con oculos, por Roberto Robert. Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo. El Romance Anticlerical, por vario autores (primeiro tomo). El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordéix. Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo. Monita Secreta de los Jesuitas. A Una Madre, por Ramon Chies. La Democracia y la Inglesia, por Potvin.

2.ª série em publicação: Dios, por Sañer y Capdevila. Los Milagros por Roberto Robert. Lo que comen los curas, por Frey Goroaldio. Viaje al Inferno, por José Nakens. La libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzalez. La Papiza Jnana, por Julio F. Mateo. Sonetos Piadosos, por varios. Retratos de José Nakens, 1\$500 réis

A Velhice do Padre Eterno

Temos novamente a venda, a 2\$000 o exemplar, este sempre empolprante livro do extraordinario Guerra Junqueiro.

A LANTERNA

Nesta capital é vendida ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos: Agencia de jornais, do sr. Antonio Scafato, rua 15 de Novembro, 51. Salão de Barbeiro, Avenida Rangel Pestana, 140. Ventura Sierra, rua Conselheiro Ramalho, 166.

FABRICA DE FUMOS BRAZ

FUNDADA EM 1887 Escusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado. Pereira & Comp. Avenida Rangel Pestana, 60 - S. Paulo -

Engenho Stamato

Sem engrenagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente estão se espalhando por este vasto país; já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que attestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante

RAPHAEL STAMATO Filial, Rua da Alfandega, 194 - Rio de Janeiro. Fundição e Mechanica, Avenida Martin Burehard, 146 - S. Paulo.

FOLHETIM DA LANTERNA

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE Grande romance histórico

(ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

Primeira parte AMOR!

XI O IN-PACE!

será o unico responsavel pelas tuas palavras... Flor de Maio exalou um debil grito de angustia e tapou os olhos com as mãos, balbucando: Oh! Que voz fez ele para que assim o odiás? Que me fez?! exclamou Gerlaut. Recuta... Aproximou-se, curvou-se para a moça, que vergava como uma cana sob uma carga demasadamente pesada. Recuta, continuou asperamente o arcepreste. Querés saber o que me fez... o que tu também me fizeste... Vais sabê-lo... Sofro de mais... Preciso de falar... Calou-se um momento. Ouvia-se o ruído da sua respiração sibilante. Flor de Maio esperava as suas palavras com o mesmo pavor com que esperaria um golpe mortal, com os olhos irresistivelmente fixos nos do padre. Naquelle momento não teria sido capaz de fazer um gesto. Quando chegou á Abberville, disse Gerlaut, era feliz. Com alegria, com ardor, tinha-me consagrado ao culto de Deus. Todos os meus pensamentos, todas as minhas forças se punha ao serviço da nossa santa madre Igreja...

O cura benzeu-se e acrescentou para si, como o obrigava a regra da restrição mental: E ao serviço da todo-poderosa Inquisição... Depois continuou em voz alta: Tranquilo, de alma serena, cultivava a vinha do senhor e tratava de arrancar os maus sarmentos para os queimar... A caça aos herejes era a minha doce occupação... Um dia... dia de desgraça... vi-te... e desde então tudo acabou para mim... Que horror! murmurou Flor de Maio, ouço palavras e tenho medo de compreender... Tratei de me engolir na luta contra os inimigos da Igreja... fiz-me temível para os impios... mas o meu coração não tinha repouso... Oh! isso é monstruoso... Calai-vos! Sempre, em todas as partes, no tribunal, na sala dos tormentos, ao pé do cadafalso e da fogueira... desgraçado! mesmo ao pé do altar, perseguia-me uma imagem maldita e querida... Era a tua, Flor de Maio! Monstro! As vossas palavras infames não me mancham... Amava-te! ouve bem, rugiu o padre delirante. Amava-te, amava-te! João! meu João! Adoro-te! Amava-te! E amo-te!... Os ciúmes queimam-me as veias, envenenam-me as noites... o espantoso tormento não me deixa um momento de descanso... Amo-te, joven, amo-te... a desejo-te! Para trás, miseravel! Amo-te! desejo-te! O padre estendeu os braços. Delirava. Se queres, pronuncia o nome, partiremos... irei contigo... irei para onde quizeres... renunciarei á honra do meu titulo... abandonarei as

minhas funções... renegarei o nome de Deus... serei teu escravo... Causais-me horror! Ah! odeias-me tanto? Desprezo-vos! E com tal desprezo que tenho a alma cheia de repugnancia! Hasde ser minha! rugiu Gerlaut. Com suas rudes mãos, agarrou Flor de Maio pelos hombros. A moça não soltou um grito; concentrava todas as suas forças numa luta silenciosa. O padre tratava de a arrastar e ella defendia-se, desvariada, arranhando com as unhas as mãos de Gerlaut. Este soltou-a por um segundo, que bastou para que Flor de Maio desse um salto para a porta. Antes de a ter o padre podido alcançar, lançou-se por um longo corredor deserto, correndo velozmente, com os cabelos soltos, os olhos injectados, a gritar: Socorro! socorro! O arcepreste corria a um passo de distancia dela. A joven sentia na nuca a sua respiração ardente. Uma larga escadaria de pedra subia do fundo da passagem. Flor de Maio fez um derradeiro esforço para se precipitar por ali. Neste momento, no alto da escadaria appareceu a freira que ella entretira na cela. A monja abriu os braços, nos quaes Flor de Maio se deixou cair, murmurando: Salvai-me! Por piedade! Salvai-me! E desmaiou de terror, com a sua formosa cabeça pallida caída sobre o hombro da moça, que a sustinha impassivel, sem um ralo no olhar, sem vestigio de commoção na face Gerlaut parava e recuperava a sua fisionomia inexpressiva; a chama ardente dos seus olhos estinguia-se sob as suas palpebras de ridas.

Essa desgraçada persiste na sua heresia, disse ele com lentidão. Tornarei para a ver... A freira permaneceu muda e impassivel. Entretanto, ajuntou o padre, é preciso domar ao mesmo tempo o corpo e a alma dessa rebelde... Bem me entendeis, irmã, digo o corpo e a alma. Compreendi, disse a monja: o corpo com privações; a alma com visões... Isso mesmo, irmã. Levai a rebelde... Requiiescat in pace! A freira inclinou a cabeça. Depois deu um grito que repercutiu pelo corredor, abrindo-se logo duas portas e aparecendo duas religiosas, ás quaes Gerlaut fez um sinal. As duas monjas levantaram Flor de Maio, que continuava desfalecida, e começaram a descer as escadas com o fardo. Requiiescat in pace! repetiu o arcepreste. Depois, voltando-se para a religiosa que com elle ficava inclinouse com humildade estudada: Até á vista, senhora abadesa. A freira sofreu um abalo, cobrindo-lhe por um instante as brancas faces uma leve tinta rosada. Que dizeis! murmurou ella. Sou apenas superiora. Digo que é necessario recomendar os brilhantes serviços que prestais á nossa santa Igreja e que vou pedir a Monsenhor de la Motte que se faça de modo que vos seja conferido o titulo de abadesa com todas as preeminencias que lhe são annexas. Tenho, pois, razão em dizer: Até á vista, senhora abadesa, e que vos tenha Deus em sua santa guarda! E Gerlaut desceu por sua vez, deixando a superiora, que se encostara á parede e fazia incriveis esforços para occultar a imensa alegria de que se sentia invalida.

De baixo, chegou-lhe mais uma vez a voz do arcepreste: Não vos esqueçais sobretudo da minha recommendação para a rebelde: Requiiescat in pace! Flor de Maio abriu os olhos. Cerrou-os logo, tornando depois a abri-los, espantada. Ficara cega? A' sua volta, para qualquer lado que volvesse a vista, só havia negrume. Não essa obscuridade na qual flutuam algumas particulas de luz, mesmo nas noites mais profundas, mesmo na prisão mais bem fechada; mas o negro opaco, o negro absoluto, o negro vertiginoso. Estendeu as mãos e adivinhou que estava deitada sobre pedras. Aquellas pedras estavam humidas e cobertas de um ligeiro musgo: ella compreendeu que o fizera brotar a humidade. Tratou de atravessar a profundidade da noite. Escutou durante logos minutos. Nenhuma luz, nenhum ruido! Ocorreu-lhe uma ideia espantosa: estaria condenada ao silencio e ás trevas para sempre?... Tê-la-iam deposto viva num tumulo? Levantou-se, deu dois passos, com as mãos estendidas. Deveu a uma parede. Um pormenor acabou de mergulhar Flor de Maio numa agonia de terror: a parede não oleracia as rugosidades da pedra, nem a maciez do marmore ou do estuque. Parecia uma parede de pano. Para que era aquele pano? Flor de Maio meteu-se num recanto, encontrado nos apalpes, e fechou os olhos, evocando com todas as forças a imagem de João; parecia-lhe ser isto sufficiente para a proteger. Mas o seu espirito só lhe representava motivos de horror. Se evocava a figura de bem amado, era para a ver logo no cadafalso, com a cabeça pesada no copo.

Um sofrimento fisico veiu agravar com o seu contingente de atrocidade aquella situação: a sede! Flor de Maio tinha ardentes a garganta e os labios, a lingua seca, o peito em fogo. Ao principio não se importou desse mal que não conhecia; mas pouco a pouco o foi achando intoleravel. Deu a volta ao lugar desconhecido onde a tinham lançado, tumulo ou prisão, esperando encontrar o cantaro de agua que deviam ter-lhe deixado, pois não era possível haver no mundo gente tão má que infligisse a alguém, a uma mulher, o espantoso, o definitivo supplicio da sede. Nada encontrou! Então teve realmente sede, soube o que era essa tortura, sofreu o martirio crescente. Não tardou a variar. Fez-se-lhe cada vez mais curta a respiração, a razão perturbou-se-lhe, acudiu-lhe a ideia de morder no braço para beber um pouco de sangue. Quantas horas decorreram assim, naquella espantosa agonia? Não lhe chegava ruido algum, não tinha meio algum de medir o tempo. Sentiu momentos de prostração, experimentou crises de desespero enorme e por fim caiu numa especie de atonia que a deixava impassivel. Flor de Maio teve então alguns minutos de alegria: julgou que ia morrer. Os seus sofrimentos iam terminar em breve. Fez-lhe os olhos e pronunciou um nome: João... meu bem-amado... Repetia esse nome, para que no momento supremo lhe brotasse dos labios. E sorriente, com sorriso de louca, esperou. XII JUNÇÃO DE SALVERIO E DE JOÃO Temos aqui que voltar ao momento em que o Cavaleiro de la